

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE RISCO NUCLEAR POR PROFESSORES, ALUNOS E FAMILIARES DE ESCOLAS DE MAMBUCABA – ANGRA DOS REIS/RJ

Autor: SALETE LEONE FERREIRA

Banca examinadora: Prof.^a Dr^a Rita de Cássia Pereira Lima (Presidente e Orientadora), Prof. Dr. Marcio Silveira Lemgruber - UNESA, Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos – UNESA, Prof. Dr. Luiz Fernandes Rangel Tura – UFRJ, Prof^a Edna Maria Querido de Oliveira – Universidade de Taubaté.

Data da defesa: 30/10/2017

RESUMO

No distrito de Mambucaba, em Angra dos Reis (Estado do Rio de Janeiro), há uma situação de risco nuclear, decorrente da presença da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto. Desde o início das obras em 1972 e do funcionamento de Angra I em 1985, e de Angra II em 1991, onde ocorreram mudanças no cenário da região. De 1970 a 1980 o número de moradores cresceu de 885 para 3873 habitantes. Novas escolas foram construídas e algumas funcionam como “centros de evacuação”, em caso de acidente na usina. A Defesa Civil define escolas que devem passar por exercícios de evacuação, em uma simulação de um acidente nuclear. Nesta situação singular no Brasil, com a chegada da usina, há um novo evento ocasionando novas práticas e crenças que podem afetar o funcionamento da escola e as relações de ensino-aprendizagem que ali ocorrem. Nesse contexto particular, algumas questões podem ser colocadas: Como os sujeitos da escola percebem a usina e, conseqüentemente, o risco nuclear em seu cotidiano? Como abordam o assunto? Se sentem ameaçados? Como enfrentam o risco? Como relacionam o risco nuclear, materializado na usina, ao cotidiano da comunidade? O panorama descrito embasa o objetivo geral desse estudo, que consiste em investigar representações sociais de risco nuclear junto a professores, alunos e familiares de escolas públicas de Mambucaba. Optou-se pela Teoria das Representações Sociais (TRS) para investigar o universo consensual existente e, construído sobre o risco nuclear, nos três grupos. Pautou-se pela pesquisa qualitativa, com opção pela etnografia, em duas escolas públicas, uma estadual, situada dentro de uma das vilas residenciais da usina (Escola I) e uma municipal, localizada no bairro Parque Mambucaba (Escola II). Foram convidados a participar um total de 56 sujeitos: 18 alunos do 9º ano (8 da Escola I e 10 da Escola II); 20 docentes do 9º ano (8 da Escola I e 12 da Escola II) e 18 familiares de alunos do 6º e 9º anos (nove do 9º ano na Escola I além de 2 do 9º ano e sete do 6º ano na Escola II). Foi escolhido o 9º ano do Ensino Fundamental porque é o período em que os alunos aprendem, em Ciências, sobre energia nuclear. Escolheu-se estes sujeitos porque tanto os educadores, como os familiares e os alunos, são atores inseridos em um mesmo espaço social (escola), convivendo cotidianamente com o risco nuclear em decorrência da presença da usina no local. Foram

feitas visitas às escolas; observação participante, descrita em diário de campo; pesquisa exploratória; análise de material da usina e de documentos das escolas. As entrevistas individuais foram analisadas com base na análise de conteúdo temática. Os resultados se fundamentaram no modelo figurativo da representação social (RS), que expressou um conjunto de significados estruturados em uma imagem construída sobre o “risco nuclear”. Para os grupos de professores, a objetivação acontece quando o risco é associado ao medo (“bomba”), mas visto como um “mal necessário”: o risco se justifica e é silenciado devido à oferta de empregos pela usina. Para os familiares, a objetivação reside na ideia de medo (“bomba”), como “arma” engatilhada ou “sujeita” a explodir, feito a rosa de Hiroshima. O medo se manifesta também na resistência em obter informações fornecidas pela usina. No grupo de alunos, o esquema representacional (não é possível afirmar que há RS), do risco nuclear, está referenciado na “empresa que protege do risco” e cuida da segurança, como a árvore que dá frutos. A realidade encontrada em Mambucaba se assemelha à da vila francesa Ainay-le-Château, conforme estudo clássico de Denise Jodelet, onde as objeções iniciais foram amenizadas pela ideia dos benefícios financeiros. O risco “nuclear” é mascarado e ocultado dos diálogos sociais, inclusive na escola, caracterizando um “hábito do lugar”, um “saber-viver-com” à possibilidade de acidente nuclear.

Palavras-chave: Representações Sociais, Risco Nuclear, Professores, Alunos, Familiares.